

## lança do regime do apartheid

### ● Elementos do grupo entregam-se às FPLM

No passado fim-de-semana, os jornais diários e a rádio noticiaram a fuga de cinco indivíduos que exerciam funções destacadas no seio da chamada Resistência Nacional Moçambicana (também auto-denominada «África Livre») e que se entregaram às Forças de Defesa e Segurança nacionais. António Joaquim Caliche, Henrique Fabião Sitoi e Piero Constantino Perino, respectivamente encarregados da instrução militar, mentalização e material de guerra deste grupo armado, declararam, tal como os seus colegas — o chefe militar Orlando Júlio Inácio e o operador de rádio José Martins Gilberto — que abandonaram a África Livre devido à «ausência de objectivos políticos» nela encontrada. As suas declarações esclarecem sobre a origem e a natureza real do grupo, presentemente armado e utilizado pelo regime da África do Sul para desestabilizar a República Popular de Moçambique e retardar a luta de libertação dos povos da África Austral.

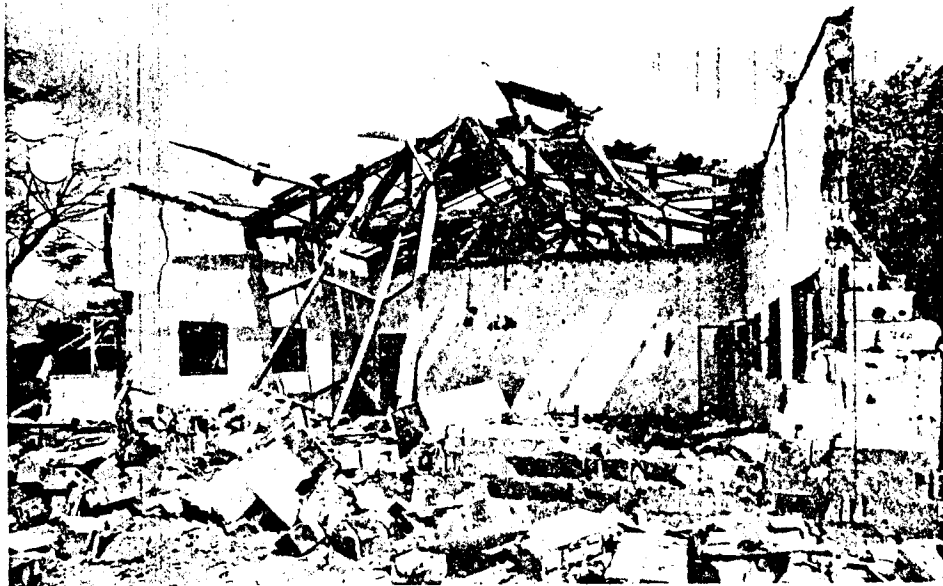
A África Livre é uma criação dos serviços secretos do antigo regime ilegal da Rodésia do Sul, visando inicialmente desencorajar a RPM de dar apoio à Frente Patriótica do Zimbábwe. O «Special Branch» rodesiano recrutou os seus agentes no seio de antigos PIDES, GE's, GEP's, Flechas e outros criminosos do exército colo-

niais português, que se tinham refugiado em países vizinhos, logo após a Independência de Moçambique e os quais as tropas de Ian Smith utilizaram primeiramente como guias nas suas incursões contra Moçambique. Com a colaboração activa de um cidadão português de nome Orlando Cristina, também ligado às forças colonia-

listas de Salazar e Caetano, e de outras figuras bem conhecidas do campo da reacção como Domingos Arouca e Jorge Jardim, preparou-se no interior da Rodésia um grupo armado, comandado por um ex-combatente expulso das FPLM.

O grupo inicia as suas acções armadas em regiões fronteiriças das províncias de Tete e de Manica, em Abril de 1976, atacando cantinas, lojas do povo e machambas. Mais tarde infiltra-se para o interior do território moçambicano, coberto pelos agressores rodesianos, que também lhe dão apoio material e logístico. O regime rodesiano colocara igualmente à sua disposição uma estação emissora «A Voz da África Livre», emitindo de uma das cidades próximas da fronteira com Moçambique, sensivelmente na altura em que se iniciaram as emissões da «Voz do Zimbábwe», em Maputo.

Para além dos primeiros componentes, a África Livre vai encontrar terreno para recrutamento dos seus membros entre certas camadas da burguesia moçambicana que abandonam o País para o es-



O regime ilegal de Ian Smith utilizava os seus agentes da chamada «África Livre» nas suas incursões contra o nosso País. Uma casa destruída durante um bombardeamento aéreo em Chicualacuala



Ao lado: Piero Constantino Perino

trangeiro, frustradas devido à agudização da luta de classes a nível interno e ao avanço da Revolução. Outros componentes do grupo são raptados de campos de reeducação (tal como os agora fugitivos) ou do seio da população. Ao mesmo tempo, o regime rodesiano prepara agentes de espionagem e sabotadores, entre alguns jovens que violam frequentemente a fronteira «à busca de aventuras», cujas histórias por diversas vezes a nossa revista relatou.

### «LANCASTER HOUSE» E «OPERAÇÃO LEOPARDO»

Nas províncias de Sofala, Manica e Tete onde actuam durante o período da luta de libertação no Zimbabue, estes grupos não conseguem implantar-se, mau grado as ameaças, chantagens e crimes cometidos contra as populações. Pouco antes da assinatura dos acordos de Lancaster House, o seu principal acampamento militar que havia sido instalado na Serra da Gorongosa foi destruído pelas FPLM que obrigaram os grupos da África Livre a recuar em direcção à fronteira. Dezenas de elementos que tinham sido raptados são, desta forma, recuperados e centenas de indivíduos armados, incluindo o chefe militar da África Livre, de nome André, são mortos na Gorongosa.

O fim da guerra no Zimbabue, com a assinatura dos acordos que conduziram à independência deste



António Joaquim Calche



José Martins Gilberto



Henrique Fabião Sitol



Orlando Júlio Inácio

A esquerda: Os grupos armados são abastecidos em armas e outro material pelo regime do apartheid. Na foto, parte do armamento capturado pelas FPLM durante a «Operação Leopardo», em Mossurize





Nas zonas onde actuam, os grupos da «África Livre» procuram a colaboração da população através de ameaças, da chantagem e do terror. Na imagem, dois habitantes de uma aldeia a quem os bandidos cortaram orelhas por se terem recusado a apoiá-los.

país sob a direcção da ZANU de Robert Mugabe, trouxe alterações substanciais à situação da África Livre. Findo o regime rodesiano, deixaria também de ter razão de ser o grupo por ele criado. Contudo, tal não acontece, uma vez que os agentes principais do regime ilegal, como os criminosos «Selous Scouts», refugiam-se na África do Sul, dispostos a continuarem a luta contra a liberdade dos povos da África Austral. O chefe dos «Selous Scouts» rodesianos (cuja acção foi equivalente à dos Flechas, durante a guerra colonial), chamado Ron Reid Daily, garante arranjar apoio para a África Livre junto do regime racista sul-africano, que colaborava de há longa data com as acções levadas a cabo pelo regime de Ian Smith contra Moçambique. São, pois, os serviços secretos sul-africanos que passam a substituir os rodesianos no apoio em alimentação, material de guerra e outras necessidades logísticas, aos grupos armados que continuam a actuar na zona fronteiriça da Província de Manica, mesmo após a Independência do Zimbábue.

É assim que surgiu, há um ano, a «Operação Leopardo», durante a qual, as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) em manobras que envolvem todos os ramos militares, destroem o principal acampamento construído desta vez nas montanhas de Mossurize. Na altura, vários prisioneiros denuncia-

ram o apoio sul-africano aos grupos armados em Moçambique, traduzido nomeadamente na presença de instrutores militares da RSA, ao lado de mercenários portugueses e rodesianos, armamento e munições transportados para o acampamento por aviões vindos daquele país vizinho.

#### «NÃO SABÍAMOS PORQUE LUTÁVAMOS»

A «Operação Leopardo» desarticulou seriamente a África Livre e causou um impacto positivo no seio das populações das zonas fronteiriças, constantemente aterrorizadas pelos grupos armados. Centenas de pessoas que tinham sido coagidas a integrarem-se naquele grupo, entregaram-se às Forças de Defesa e Segurança, e, segundo afirmam os cinco elementos referidos no princípio do texto, muitos outros desejam fazê-lo. Se ainda o não fizeram, é devido ao medo que lhes incuteam de podem vir a ser fuzilados, ou comprometidos de tipo familiar e tribal, ou ainda por causas obscurantistas.

Dizem que os espíritos, transformados em leões, perseguem aqueles que tentam fugir — declara Henrique Fabião Sitori. Ele, porém, e os seus colegas, decidiram partir, depois de permanecerem durante algum tempo errantes, na mata, na sequência da destruição

do acampamento militar em Mossurize. Apesar das funções importantes que exerciam no seio da África Livre, a ausência de objectivos políticos claros no grupo levou-os a repudiarem as suas actividades.

Não sabíamos porque lutávamos, com que objectivos, e por isso decidimos fugir, diz Piero Perino, acrescentando que o grupo usa armas de diversa origem, fornecidas através da África do Sul, onde vive actualmente o próprio chefe militar da África Livre, de nome Afonso. Alguns dos elementos armados capturados pelas Forças de Defesa e Segurança indicam que aviões e helicópteros sul-africanos continuam a violar a fronteira, através da Província de Gaza, para lançar material que é, mais tarde, transportado por agentes da África Livre para regiões ao norte do Rio Save.

O tal Afonso é um ex-combatente das FPLM que desertou em 1976 para a Rodésia onde se juntou ao já conhecido André e que agora o substituiu. «É um indivíduo ambicioso, com apenas duas ou três pessoas da sua confiança que o apoiam.» De resto, há um clima de desconfiança», afirma Orlando Júlio Inácio. Apesar dos esforços para dar à África Livre uma aparência de autonomia, é cada vez mais evidente, pelas declarações dos cinco fugitivos e mesmo de outras fontes, que é o regime sul-africano e certas forças internacionais contra o progresso dos povos quem está por detrás das suas acções. Assim, o grupo tem cobertura política através de algumas personalidades bastante conhecidas pelas suas posições antipatrióticas como Arouca e Máximo Dias (retornados em Portugal). Além de apoiar o grupo nas suas acções contra o nosso país, o regime da África do Sul recorre ainda à África Livre para recrutar mercenários moçambicanos para combaterem na Namíbia contra a SWAPO, tal como acontece com a UNITA em Angola, os antigos «auxiliares» do Bispo Muzorewa e os Selous Scouts. O apoio a estes grupos é, pois, parte da estratégia sul-africana de desestabilização dos países da Linha da Frente, que são uma ameaça para a sobrevivência do regime do apartheid. □